



> DOSSIÊ ARTES EM FESTAS: CORPOS EM MOVIMENTO

Adriano Santos Godoy

> *Comitê Editorial*

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisador visitante na Universiteit Utrecht e pesquisador do Laboratório de Antropologia da Religião (LAR)

Lis Furlani Blanco

> *Comitê Editorial*

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora Visitante na University of California – Berkeley e pesquisadora do Ateliê de Produção Simbólica e Antropologia (APSA)

Na edição abreviada de *O Ramo de Ouro* de Georges Frazer (1982), a palavra *festa* aparece cento e setenta e seis vezes, como tradução da palavra *feast*. No grande clássico antropológico são abordadas as festas dos fogos, do feijão, dos tolos, de Ano-Novo, da Virgem Diana, do solstício, de pentecostes, de *El-Bugat*, de *Ta-Uz*, de Saturno, Nossa Senhora da Conceição e dos talos de trigo, isso só para citar algumas delas. Buscando paralelos entre os eventos, a partir de algumas similaridades no tempo e no espaço, a metodologia e análise empregadas pelo antropólogo são hoje questionadas. Na introdução da obra, na edição de língua inglesa, é Mary Douglas quem alerta ao risco de uma leitura que se atente à coleção de fatos curiosos, e não ao fio analítico que a conduz com precisão. Já na introdução de Darcy Ribeiro, na edição brasileira, o destaque se dá em relação ao seu valor artístico enquanto obra literária. Contudo, não há dúvidas da influência que essa obra produziu no campo de pesquisas interessadas em festas e no que elas podem dizer sobre a magia, a ciência e a religião.

Como explora Carlos Brandão (2010), um dos grandes pesquisadores do tema, a riqueza etnográfica daquilo que é chamado de festa está na abertura analítica que eventos tão díspares são capazes de agregar sob o mesmo nome. Dentre tantas diferenças entre uma festa de aniversário em família, uma festa junina e uma festa *rave*, passando pela festa de finados e o carnaval, é inviável achar uma base comum para além da nomenclatura.

Brandão (2010) diz ainda que é difícil enquadrar teoricamente a festa porque seu emaranhado de conhecimentos busca, justamente, fugir das normas, transgredir as lógicas cotidianas e os padrões esperados. E parece que é exatamente essa dificuldade em colocar esses acontecimentos, construídos sempre em relação a vida cotidiana, em uma lógica da ciência, que faz a discussão sobre festas nos parecer tão profícua e instigante. Onde estariam aquelas categorias tão clássicas da antropologia como *sagrado* e *profano*? Retomando os autores mais clássicos do campo, em um exercício que não caberia nessa introdução, Brandão aponta que:

difícil captar o sentido desta dimensão da cultura que costuma colocar mitos, máscaras e fantasias tanto no corpo de seus envolvidos quanto no rosto de seu próprio conceito. Afinal, haverá em algum lugar de uma mesma cultura uma unidade qualquer de gestos e falas ou um conjunto associado de acontecimentos e ideias que possam ser separados de todos os outros da vida social e a que possa atribuir o nome genérico de festa (Brandão, 2010:19)?

Foi precisamente despidos de uma compreensão hermética de festa e inspirados por esses emaranhados de relações que seis colegas e amigos antropólogos se reuniram em 2017 para um experimento etnográfico e pesquisa conjunta na 108ª Festa de São Benedito, na cidade de Aparecida, São Paulo. Juntando pesquisadores de áreas distintas que muito pouco sabiam sobre aquele evento, foi justamente a partir das potências teóricas, sensoriais e metodológicas que surgiu o relato (Godoy, Blanco, Ilheo, César, Caravita, 2018) publicado neste volume, inspiração para organização deste dossiê.

Na ocasião da pesquisa de campo, como na organização do dossiê, ficou evidente para nós que eventos como esse podem também se tornar uma armadilha, já que a pluralidades de caminhos a serem seguidos podem não levar a lugar antropológico algum. Renata Menezes (2009), pesquisadora do tema, faz o alerta que procuramos seguir:

Essas formulações vêm ao encontro de uma preocupação em afirmar que, seja qual for a opção teórica, é sempre um recorte que está em jogo, ou seja, que as festas são um objeto construído, e não um objeto dado. Se esses eventos aparecem como uma coisa em si, uma entidade – visto que explodem numa profusão de cores, sons, cheiros, movimentos, tempos, no seio dos grupos sociais que os celebram –, não podemos, no entanto, colaborar para sua naturalização. Então, deve-se questionar se as análises de festas que têm sido produzidas estão atentas para esse problema do “recorte adequado”. Isto é, se há consciência de que tomar uma festa como tema é sempre produzir uma operação de construção de um objeto; e que sempre haverá articulações incluídas no trabalho, enquanto muitas outras serão deixadas de lado. Caberia indagar também até que ponto as pesquisas que estão sendo produzidas têm um cunho monográfico muito fechado, ou seja, se limitam a estudos de caso excessivamente pontuais, sem abertura para dimensões comparativas (Menezes, 2009:195).

Foi seguindo esse conselho, ao organizar a proposta de dossiê, que delimitamos um recorte específico acerca das festas, que busca a construção de um objeto pelas suas relações com a arte. O que poderia parecer um limite e uma fronteira à primeira vista, se torna uma abertura de potência comparativa, afinal, a definição do que é arte pode ser ainda mais ampla do que é festa. Os oito números da **PROA** até aqui dão uma pista de que os interesses

antropológicos sobre a arte incluem e vão muito além das galerias, palcos e museus. Contudo, o que nos interessa neste dossiê é a relação entre ambas. Clifford Geertz (1979) vê a relação entre a festa, o rito e o jogo com a arte, e propõe que seja abordada pelos significados na sua função ritual:

rituais são fala, meios pelos quais as pessoas vivem, na celebração coletiva da cultura, o aprendizado de seu próprio modo de ser. De alguma coisa que não é nem a identidade e nem sequer a ética de um povo, mas seu ethos: algo que inscreve na cultura a maneira efetivamente densa e cheia de significados, através da qual um povo resolveu viver. Ritos e festas dizem alguma coisa sobre algo (Geertz, 1979: 311).

Sem negar que a arte, os ritos e a festa dizem alguma coisa sobre algo, nos parece delimitadora essa constatação frente a pluralidade etnográfica de tais eventos. Retornando Frazer, a palavra *arte*, em comparação com *festa*, aparece apenas dezoito vezes e, em sua maioria, para falar sobre magia. Em uma abordagem completamente distinta, na sua provocadora *Teoria da Religião*, Georges Bataille aponta uma relação fenomenológica específica entre arte e festa:

O movimento inicial da festa está dado na humanidade fundamental, mas ele só atinge a plenitude de um jorro se a concentração angustiada do sacrifício o desencadeia. A festa reúne homens para quem a consumição da oferenda contagiosa (a comunhão) abre a um abrasamento todavia limitado por uma sabedoria de sentido contrário: é uma aspiração à destruição que explode na festa, mas é uma sabedoria conservadora que a ordena e a limita. Por um lado, todas as possibilidades de consumição estão reunidas: a dança e a poesia, a música e as diferentes artes contribuem para fazer da festa o lugar e o tempo de um desencadeamento espetacular (Bataille, 1993:26).

Assim, para o autor, as diferentes manifestações artísticas presentes nas festas contribuem para o jogo de destruição e conservação, de controle e descontrole, justamente por serem capazes de promover o que ele chama de uma “conciliação amigável e cheia de angústia” (Bataille, 1993) com a imanência, com o corpo. A arte é imprescindível e inexorável tanto para promover a festa, como para controlá-la: ela aflora profundamente os sentidos, sem deixar que eles se percam e promovam a plena destruição dos corpos.

Não por acaso, Alfred Gell (1998), que se tornou uma das principais referências nas pesquisas antropológicas sobre arte, propõe que a arte está inclusa dentro de uma teoria de agência. Para o autor, as manifestações artísticas devem ser abordadas dentro das teorias antropológicas e não da estética: arte não é aquilo que produz significado e sim aquilo que produz relações sociais.

No lugar de comunicação simbólica, eu coloco toda ênfase na *agência, intenção, causa, resultado e transformação*. Eu vejo arte como um sistema de ação com objetivo de mudar o mundo mais do que codificar proposições simbólicas sobre ele (Gell, 1998:6 - tradução nossa).

Essas relações costumam se dar com objetos específicos, com corpos, são materializadas. Assim, com a proposta de Gell (1998) para pensar arte, conciliando com uma fenomenologia proposta por Bataille (1993), pretendemos neste dossiê dar destaque a novas maneiras de viver a festa, mas também compreender e analisar esse fenômeno, ou evento, estendendo seus poderes, significados mas também efeitos. Propomos então, expandir a perspectiva de que festa ou arte são expressões circunscritas à esfera do significado: a convergência entre a arte e a festa está nessa sistema de ação, de causa, de intenção, de corpos, de sentidos.

Esperávamos uma diversidade de pesquisas de campo, mas não contávamos com a grande quantidade de colaborações que recebemos. Aliás, mesmo que em contextos completamente distintos, algumas personagens nominadas por Frazer (1982) também estão presentes, como a Virgem Maria, São Jorge, São João e Toxcatl. Com isso, optamos por dividir as contribuições aprovadas em dois volumes da revista e, mesmo com toda diversidade, proporcionar uma organização em que a leitura seja possível através de alguns eixos temáticos. Com essa reunião de trabalhos etnográficos e historiográficos, textuais e fotográficos, pretendemos mostrar como a festa tem efeitos, produz e é produzida em suas materialidades, sensações, relações e experiências. Nesta primeira parte do dossiê, a potência do corpo enquanto ator e mediador das práticas artísticas, sobretudo pela dança, e a festa enquanto um ritual pautado por tradições e memórias religiosas, são dois desses eixos possíveis de abordagem metodológica.

A Festa da Batata, dos krahô, é abordada no artigo de Maurício Caetano. A partir desse ritual, e das relações do tubérculo com o campo mítico indígena, o autor tem como ponto de análise as práticas dos *hōxwa*, os quais pela dança e corporalidades miméticas que evocam palhaços, buscam provocar o riso dos espectadores e estabelecem relações para além da aldeia.

Já a corporalidade dos Apyãwa é trazida aos nossos olhos em forma de ensaio fotográfico, a partir da produção das máscaras, dos grafismos e das pinturas corporais. No contexto da festa-ritual-sazonal Iraxao, Paula dos Reis e Vandimar Damas fotografam esse momento específico do ritual, de preparação para a festa, e que precede o espetáculo das danças.

Na Festa da Cabocla Mariana, uma princesa turca, Anderson Lucas da Costa Pereira explora a dança nos rituais de umbanda em Santarém. Através dessa análise etnográfica, o autor busca uma aproximação dessa forma ritual na umbanda com a dança nos rituais sufistas do islamismo, para investigar a constituição do turco caboclo na Amazônia.

O artigo de Indira Caballero aborda o papel da dança enquanto uma oferenda aos santos e aos ancestrais em busca de fertilidade para a terra na Festa da Água, nos Andes

peruanos. Nesse contexto, a etnografia dos *danzantes de tijeras* é profícua para entender as disputas por prestígio que envolvem resistência através de habilidades e técnicas corporais específicas.

É a disputa por prestígio e autoridade que também norteia a pesquisa de Luiz Gustavo Mendel Souza, originando o artigo publicado neste volume. Através da etnografia da Festa do Arremate das Folias de Reis, no Rio de Janeiro, é demonstrado como os mestres palhaços precisam provar o domínio corporal em suas performances, dentro do código devocional compartilhado que marca a sua capacidade efetiva de agência.

As Folias de Reis também são retratadas em dois ensaios fotográficos. Ana Paula Horta e Bruna Carvalho trazem o foco imagético nas máscaras e vestimentas, pelas suas capacidades de proporcionarem fascínio e mistério em gerações de viventes da Serra da Canastra. Já o ensaio fotográfico de Ralyanara Freire traz as Folias de Reis em conjunto com as Congadas do cerrado goiano. Na sua abordagem imagética são as materialidades devocionais que ganham destaque: roupas, estandartes, instrumentos e altares que tornam as festividades possíveis.

A festa de aniversário do Vulcão Popocatepetl, no México, é o tema do ensaio fotográfico de Laura Romero, Juan Mendez, Maria Tercero e Amapola Rangel. As pesquisadoras retratam os rituais anuais, que coincidem com a Festa de São Gregório, os quais visam alimentar o vulcão com oferendas, ao mesmo tempo que partilham procissões, comidas, tequilas, orações e danças.

Outros dois ensaios fotográficos tem como tema a Festa de Ogum e/ou São Jorge. Lisandro Moura, em parceria com seus alunos Carlos Gusmão e Thais dos Santos, retratam as sensibilidades dos gestos e dos atos individuais em uma procissão que acontece em Bagé, no Rio Grande do Sul, e que agrega devotos umbandistas e católicos. Já Ana Paula Campos e Cleiton Maia trazem fotografias das festividades do santo/orixá no feriado carioca, através de práticas devocionais que acontecem nas ruas, na igreja e na escola de samba envolvendo grandes multidões de pessoas.

A Festa de Santo Antônio, no interior paulista, é o campo de pesquisa no artigo de Carlos Eduardo Machado. A partir de uma etnografia do leilão e do sorteio de leitoas, o autor busca demonstrar como as habilidades técnicas no seu preparo são tidas como marcadores de prestígio e distinção, como no campo artístico, e se tornam protagonistas na sociabilidade de Borá, São Paulo.

Por fim, é Nossa Senhora do Livramento uma das protagonistas do curta-metragem de Lorena Duarte de Oliveira. Acompanhando uma procissão de barco nas águas de um rio no Vale do Ribeira, na época da Festa de Ano-Novo, a diretora retrata um passeio pela vida iporanguense através das festividades em torno da imagem da santa e da fabricação do barco que a leva.

Assim, vemos a festa como a vida em movimento, extrapolando dualidades e nos colocando para pensar sobre elas (Brandão, 2010). Conscientes da necessidade metodológica de construir um objeto que seja capaz de abordar comparativamente (Menezes, 2009), pensamos

a festa neste dossiê como um sistema de ação (Gell, 1998) que assim como materialidades envolve imanências (Bataille, 1993) indo além de apenas um sistema de significado (Geertz, 1978). E que como a arte enquanto acontecimento é capaz de elucidar, pelas corporalidades e tradições religiosas, uma riqueza analítica das festas que depois de um século desde Frazer (1982) continuará a ter destaque no campo antropológico.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. *Teoria da Religião*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia: festa e romaria*. Aparecida: Idéias & Letras, 2010.
- FRAZER, James. *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GELL, Alfred. *Art and Agency*. Oxford: The Clarendon Press, 1998.
- GODOY, Adriano S.; BLANCO, Lis F.; ILHÉO, Mariana C.; CÉSAR, Rafael N.; CARAVITA, Rodrigo I. Coisa de congada: um relato a dez mãos. *PROA: revista de antropologia e arte*, n. 8, vol. 2, p. 233-255, 2018
- MENEZES, Renata C.. Celebrando São Besso ou o que Robert Hertz e a Escola Francesa de Sociologia têm a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo. *Religião & Sociedade*, vol. 29, n. 1, p. 179-199, 2009